

MATRIOSKA – de Fernanda Gama

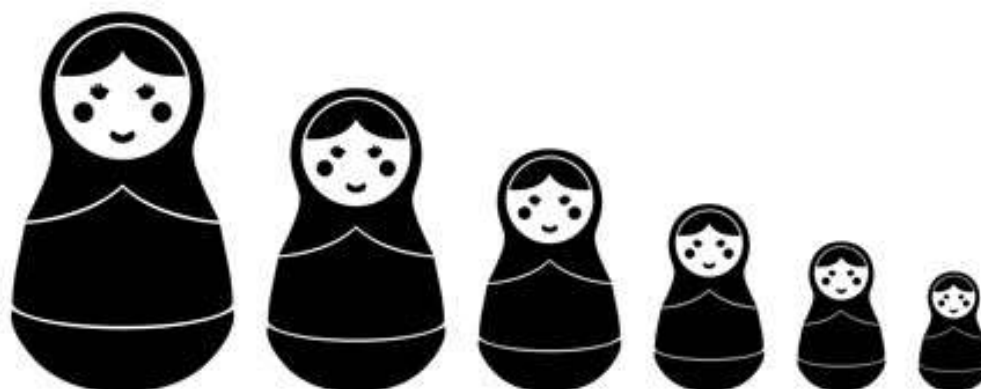
primeira versão – agosto de 2019

Textos e ações alinhados à esquerda acontecem na coxia, às vistas do público.

Textos e outras indicações alinhados à direita acontecem na peça apresentada, portanto em off, mas não necessariamente gravados. Podem ser falados ao vivo das coxias, projetar o texto por escrito, ou alguma outra opção que sirva à montagem.

Textos centralizados e sublinhados indicam monólogos internos das personagens. Podem ser projetados, gravados ou falados ao vivo pelos atores - desde que nunca pareça serem falados para alguém. São pensamentos que as personagens jamais teriam coragem de expressar.

O cenário é um dos lados da coxia de um teatro - podemos imaginar, do outro lado, mais vinte jovens amontoados e nervosos com a apresentação. Bancadas com adereços, cadeiras, araras de roupas. Molduras de espelhos com luzes, vazadas, para vermos através delas. A direita, o palco, que nunca aparece. Os figurinos são os da montagem de *A Gaivota*, e bom gosto não é o forte do diretor.



Primeiro sinal.

LAURA – Ele não vai vir mesmo?

GIOVANA – Não.

OLGA – Que, como assim ele não vem?

GIOVANA – Não vem.

JOÃO – Eu não consigo, não vou conseguir, sério.

EMMA – Não vem, gente, ele não vai vir.

VITOR – Vai, mano.

OLGA – Como assim?

LAURA – Ele não pode não vir.

JOÃO – Eu não ensaiei esse papel.

EMMA – Claro que pode. Tanto ele pode que ele não vem.

VITOR – É só entrar e falar o texto.

LAURA – Não acredito que ele vai fazer isso com a gente.

GIOVANA – Para, Laura, você sabe o que ele tá passando.

JOÃO – Não sei fazer.

VITOR – Cala a boca, é só ir lá e fazer.

LAURA – A peça vai ficar uma merda.

EMMA – Já tava uma merda.

JOÃO – Vamos cancelar.

GIOVANA – A gente sabia que podia rolar isso.

VITOR – Não dá pra cancelar.

LAURA – Mas eu achei que no fim ele vinha.

JOÃO – Vamos cancelar.

GIOVANA – Eu também achei que ele vinha, só que ele não vem.

VITOR – *(dando uns tapas nele, meio de brincadeira)* Larga de ser cuzão, João.

JOÃO – Giovana, liga pra ele!

GIOVANA – Ele não atende.

JOÃO – Liga de novo!

GIOVANA – Tô ligando faz mais de uma hora.

JOÃO – Não é possível, cara...

GIOVANA – Eu conheço ele, ele não vem...

JOÃO – Pede pra Marina, pede pra Marina ligar pra ele.

EMMA – A Marina não vai ligar pra ele, a Marina não tá nem falando com ele.

VITOR – Mano, não viaja, ele não vem justo por causa da Marina,

OLGA – Não é por causa da Marina.

VITOR – Ah, claro que é.

EMMA – Cala a boca, Vitor.

VITOR – Ah, tá, a Marina dá um fora nele, ele falta na peça, só coincidência mesmo.

EMMA – *(apontando discretamente)* Cala a boca.

Marina entra pela esquerda. Todos suspendem o assunto. Ela percebe que estavam falando dela. Vai pra um dos espelhos em um canto. Respira fundo.

OLGA – Faz tempo que eles terminaram, ele continuou ensaiando normal.

VITOR – Porque achava que ela ia voltar com ele.

GIOVANA – Nada a ver. Não é por isso.

VITOR – Trouxa demais.

JOÃO – Não consigo, serião. Alguém faz no meu lugar.

VITOR – Velho, sério, eu passo o texto com você antes de cada cena.

JOÃO – Cadê o Marcos? Fala com ele.

VITOR – Agora pára de escândalo!

EMMA – Eu faço, você quer que eu faça?

VITOR – Cala a boca, personagem masculino.

EMMA – Foda-se, que diferença isso...

VITOR – *(interrompendo)* Nunca que o professor vai deixar.

EMMA – Eu sei essas falas todas, eu...

VITOR – *(interrompendo)* Mano, não viaja, Emma.

LAURA – Calma, gente...

EMMA – Já não vai ser a peça como a gente ensaiou de qualquer...

VITOR – *(interrompendo)* Tá decidido, eu vou fazer o papel do Tiago e o João vai fazer o meu.

EMMA – Quem disse?

VITOR – O professor disse, mano, foi ele que disse, que saco!

EMMA – Mano, vão se fuder.

Emma se afasta do grupo.

VITOR – Vai, vai, dá a volta que você entra primeiro pelo outro lado, você entra junto com a Adriana.

Segundo sinal.

JOÃO – *(para Vitor, procurando no texto da peça)* Como era o lance da gaivota?

VITOR – Desencana, entra com o texto na mão, que se foda. Vai pra lá.

LAURA – *(se aproxima dele)* João, fica calmo. Olha aqui... toma um gole.
(entrega uma garrafa fofa tipo squeeze)

JOÃO – Que é isso?

LAURA – Vai logo.

JOÃO – *(toma um gole e engasga)* Que é isso, Laura?

LAURA – Vodka.

JOÃO – Você trouxe vodka pra peça?

LAURA – Ué. Peça russa.

OLGA – Pára, e se alguém ver?

JOÃO – *(toma mais um gole)* Cadê a parte lá da gaivota?

VITOR – *(vai dizendo para o outro enquanto procura a página)* “Tema para um conto curto”.

JOÃO – *(repete, tentando memorizar)* “Tema para um conto curto”.

VITOR – “Uma jovem vive desde a infância perto de um lago”

JOÃO – “Uma jovem vive desde a infância perto de um lago.”

VITOR – “Uma moça assim como você”.

JOÃO – “Uma moça assim como você.”

VITOR – “Ela ama o lago, como uma gaivota.”

JOÃO – *(depois de beber mais um gole)* “Ela ama o lago, como uma gaivota”

VITOR – “É feliz e livre, como uma gaivota.”

JOÃO – “É feliz e livre, como uma gaivota”

Terceiro sinal

Enquanto eles repetem as falas, o foco de luz está em Marina.

VITOR – “Mas aparece um homem”

JOÃO – “Mas aparece um homem”

VITOR – *(enfim encontrando no texto o trecho que procurava)* “E por pura falta do que fazer, tira a vida dela”

JOÃO – “E por pura falta do que fazer, tira a vida dela”

VITOR – “Como se ela fosse uma gaivota”.

JOÃO – *(mais um longo gole)* “Como se ela fosse uma gaivota”. *(repete, lendo do texto)* Mas aparece um homem, e por pura falta do que fazer, tira a vida dela, como se ela fosse uma gaivota.

Tema de abertura de Lago dos Cisnes.

Emma, Giovana, Laura e Olga, vestindo tutus de balé e sapatilhas, saem pela direita, em fila, cada uma carrega um objeto – cadeiras, bancos, cestas, outros adereços. João sai pela esquerda. Os outros observam, atentos, tensos. Quando as quatro retornam, o espetáculo começa. Todos observam o palco. Marina está sozinha, mais ao fundo.

CENA 01

MEDVEDENCO – Por que é que você está sempre de preto?

MACHA – Estou de luto pela minha vida.

MEDVEDENCO – Eu te amo. A saudade me arranca de casa, todo dia eu ando uma légua para chegar aqui e outra pra voltar, e a única coisa que encontro em você é indiferença.

MACHA – Seu amor me comove. Mas não consigo corresponder. Só isso.

LAURA – Pior fora da vida.

GIOVANA – Que? Já levei piores.

LAURA – Ai, até parece...

GIOVANA – É sério. Pra mim nunca dá certo.

EMMA – *(ri)* Cala a boca.

OLGA – Exagerada.

GIOVANA – Gente, só nos últimos dois meses, foram cinco crushs que não rolaram. Cinco.

OLGA – E daí? Normal.

GIOVANA – Ah, uma hora podia aparecer alguém pra dar certo, né...

LAURA – Mas pensa: se você soubesse que ia se apaixonar por vinte pessoas na sua vida toda, e dessas cinco iam dar certo e as outras quinze totalmente errado, você ia querer encontrar as cinco certas logo de cara, uma atrás da outra, pra depois passar o resto da vida só com as quinze erradas? Não é melhor dar uma alternada?

Vitor interrompe, pede silêncio, aponta para o palco. Logo depois entra em cena.

EMMA – Mala! *(pra Giovana)* Você tentou ligar pro Tiago de novo?

GIOVANA – Ainda não.

LAURA – Liga.

GIOVANA – Mandei mensagem. Ele ainda nem viu.

OLGA – Liga.

GIOVANA – Uma hora ele responde.

LAURA – Será?

GIOVANA – Espero que sim.

EMMA – *(mais baixo)* Você tá pensando o mesmo que eu, né?

GIOVANA – Claro.

EMMA – É, eu sei.

GIOVANA – Mas não acho que ele faria isso.

LAURA – Mas se ele já fez uma vez...

GIOVANA – Era diferente. Ele tava doente. Desesperado. Não acho que ele faria de novo.

OLGA – Espero que não.

GIOVANA – Depois que ele voltou pra escola, depois do que aconteceu, todo mundo ficou meio evitando ele. Não sei se as pessoas tinham medo. Ou se todo mundo se sentia um pouco culpado, também, pensando se não podia ter feito alguma coisa pra evitar, sei lá. E ele não tava falando com ninguém. No começo nem comigo, mas depois voltou a falar, e a gente ficou bem amigo...

LAURA – Amigo...

GIOVANA – Até ele começar a namorar com a Marina. Aí ele se afastou de mim de novo. De todo mundo. Achei idiota, começar a namorar e parar de falar com os amigos. A gente era amigo desde o quarto ano... são uns oito anos, por aí. Oito anos! Aí a pessoa simplesmente esquece de você por causa de outra mina que acabou de entrar na escola, que ele acabou de conhecer.

Marina se aproxima da entrada da cena, ficando mais próxima delas. Elas param o assunto subitamente, olham pra ela. Marina obviamente percebe.

LAURA – *(ainda mais baixo)* Mas se você não gostasse do Tiago, tudo seria diferente.

GIOVANA – Que babaquice achar que duas pessoas não podem ser só amigos.

OLGA – Claro que podem.

LAURA – Só não é o seu caso.

GIOVANA – Eu gostava dele, antes, a gente era criança. Faz mil anos. Hoje não.

Treplev – Eu não posso viver sem ela, até o barulho dos passos dela me parece maravilhoso.

Marina entra em cena.

TREPLEV – Minha fada, meu sonho.

NINA – Eu passei o dia todo tão nervosa, com tanto medo que meu pai e minha madrasta não me deixassem vir... mas agora estou aqui...

TREPLEV – Estamos sozinhos...

NINA – Meu coração está cheio de você...

(Eles se beijam)

EMMA – Será que ela ouviu?

GIOVANA – Ah, que se dane.

LAURA – Ela é tão linda, né?

EMMA – Ela é.

GIOVANA – Você também é, ué.

LAURA – Só quando ela não tá perto.

OLGA – *(ri)* Que idiota.

LAURA – Você entende, ela nem precisa usar o filtro na foto, ela já nasceu com o filtro na vida real.

EMMA – Por isso que ela é a principal, e a gente troca o cenário.

GIOVANA – Com uma roupa ridícula.

LAURA – Por outros motivos também, né...

OLGA – Deixa ela.

LAURA – Deixo. Eu sempre achei a Marina gente boa, real.

GIOVANA – Não tenho nada contra.

EMMA – É muito foda isso que tá rolando.

OLGA – É que ninguém conhece ela direito, e aí fica julgando.

EMMA – Ela mal entrou na escola e já começou a namorar o Tiago, e aí os dois só falavam um com o outro. E agora essa história dela com o Eduardo.

OLGA – Será que é verdade isso?

GIOVANA – O que? Do Eduardo? Certeza.

OLGA – É, mas... a outra parte?

LAURA – Não sei. É o que dizem.

OLGA – Se for verdade, ela tá bem fudida.

EMMA – É. Se for verdade, ela tá.

OLGA – E ele?

EMMA – Que tem?

OLGA – Que será que vai acontecer com ele?

EMMA – Nada, ué. Nunca acontece nada com eles. Eles sempre saem numa boa, como se nunca tivessem feito nada.

LAURA – Se vocês pudessem escolher a peça de hoje, como ia ser?

Ela começa a gravar vídeos com o celular das respostas das outras.

OLGA – Ah, não sei... talvez algum livro que eu li.

GIOVANA – Algum livro bem velho escrito em 1800 que ninguém nunca leu.

EMMA – Com umas músicas velhas que ninguém nunca ouviu falar.

LAURA – Porque você é tão velha, até no nome, Olga? Conta pra gente.

OLGA – Ai, me deixa... *(riem)*

LAURA – *(pra tela)* Eu ia fazer um musical. Com dança, com músicas legais, com figurinos incríveis, com números de jazz, e balé moderno, e sapateado. E efeitos especiais. *(as outras se entreolham, rindo)*

OLGA – Com que dinheiro, Laura?

LAURA – *(pra Emma)* E você?

EMMA – Qualquer coisa que eu tivesse falas.

LAURA – Ah, fala sério.

EMMA – Uma comédia. Sobre o que acontece com a gente... com o que a gente pensa da escola, da vida, do governo, nossos pais... tudo... uma peça sobre a gente...

LAURA – Ia ser legal.

EMMA – Mas eu já sugeri isso e não aceitaram, então... *(dá de ombros)*

LAURA – *(pra Giovana)* E você?

GIOVANA – Sei lá.

LAURA – Não tem nada que você queria muito?

GIOVANA – Não sei.

EMMA – Nossa, Giovana, fala alguma coisa.

GIOVANA – Não tenho vontade de fazer nada. Sério.

EMMA – Aff, que chata.

TREPLEV – Chega! Abaixem a cortina!

ARCADINA – Mas o que e que ele tem? Todos esses ataques contra mim, ele passa dos limites! Não passa de um moleque vaidoso e caprichoso!

Vitor volta para a coxia, nervoso, ainda na energia explosiva da cena, chuta alguns móveis, bastante agressivo.

VITOR – Mano, que merda, que merda de cena... cadê o Tiago? Ele não vem mesmo?

EMMA – Ele não responde.

VITOR – Liga pra ele de novo, putaquepariu...

GIOVANA – Agora a peça já começou, ele vai entrar no meio?

VITOR – Caralho, caralho, CARALHO!

Vitor sai para o banheiro.

LAURA – Será que tá tão ruim assim?

GIOVANA – Essa peça é horrível. Não sei porque montar essa peça.

LAURA – Porque não tinha opção, ué.

EMMA – “Porque os temas são interessantes”

LAURA – Nunca nem entendi do que que a peça fala.

EMMA – Não tem o que entender. Não acontece nada na peça. As pessoas ficam sentadas, falando, falando, falando...

GIOVANA – Não tem ação nenhuma, não tem uma cena mais emocionante.

LAURA – E não tem papel pra gente.

GIOVANA – Nunca tem papel pra todo mundo.

OLGA – Ai, relaxa, os pais e as mães vão aplaudir no fim do mesmo jeito.

EMMA – Só se forem os seus. Minha mãe nem vem.

GIOVANA – E o professor vai achar uma bosta e xingar todo mundo como sempre.

OLGA – E meu pai que nunca vem, mas depois me pede foto e publica no Face como se ele tivesse vindo? “Minha filha linda se apresentando no teatro”. Cala a boca, você nem veio! Você NUNCA vem...

LAURA – Que idiota.

EMMA – Minha mãe me detesta. Porque quanto mais eu cresço mais eu mostro que ela não tem mais vinte e cinco anos. Por isso ela me odeia.

Passa Marina novamente, após sair de cena. Sempre que ela passa o assunto para, nitidamente. Conseguimos perceber o quanto ela se incomoda com isso.

Agora vai ser sempre isso? Babacas.

Todas olham pra ela mas ela passa reto, e se isola num outro canto.

OLGA – Ela nunca mais vai falar com a gente?

EMMA – Ou a gente que não tá falando com ela...

LAURA – Eu nunca zoei da cara dela, nunca fiz nada...

EMMA – Mas a escola toda tá fazendo isso.

OLGA – A gente devia chamar ela pra conversar.

LAURA – Pra que?

EMMA – Pra mostrar que a gente tá do lado dela, que a gente entende.

GIOVANA – Sei lá se eu tô do lado dela...

EMMA – Para, Giovana, que trouxe...

GIOVANA – Eu não sou obrigada a ser amiga dela depois do que ela fez.

EMMA – Que que ela fez? Nada de errado...

OLGA – Também acho.

GIOVANA – Achei sacanagem com o Tiago, só isso.

OLGA – A gente nem sabe direito .

LAURA – Ah, sei lá, é só que a gente nunca foi amiga, eu puxava papo com ela nos ensaios, mas ela nada...

OLGA – Na sala ela também não fala muito.

GIOVANA – Porque ela sabe que fez merda...

EMMA – Porque ela tá morrendo de medo de falar com a gente, Giovana, do que a gente tá pensando dela, do que a escola inteira tá pensando dela...

OLGA – Será que ela vai querer mudar de escola, ano que vem?

EMMA – Ela tá aguentando até o fim do ano, porque são tipo duas semanas... e ano que vem, tchau...

GIOVANA – Vocês falam como se ela fosse uma santa, né...

EMMA – Tá, mesmo se for verdade, se ela traiu o Tiago, e daí?

OLGA – Nem acho que foi isso.

GIOVANA – Claro que foi!

EMMA – Mesmo se foi, que que tem a ver? Não justifica... o que tá todo mundo falando... pixando... as mensagens... tudo.

OLGA – É ridículo.

EMMA – Ela vai ficar o resto da vida marcada por uma única coisa que ela fez?

OLGA – Lembra da Pat Boqueteira?

As outras riem.

OLGA – É sério. Um vídeo dela que vazou com o cara... e pronto! Eu lembro que ela tava no primeiro ano quando vazou, e zoaram ela até o terceiro ano, chamaram ela assim até ela sair da escola, ano retrasado, nunca mais pararam. Sei lá onde ela tá hoje, e ainda tem pixo no banheiro falando dela... por causa de um vídeo besta, uma coisa que todo mundo faz.

LAURA – Eu não faço.

EMMA – Não faz ainda, né.

Riem.

LAURA – Eu não, que nojo.

GIOVANA – Vai, Laura, você pega todo mundo.

LAURA – Mas não fico fazendo essas coisas...

GIOVANA – A Emma também não...

EMMA – Deusa me livre...

OLGA – Vocês lembram o nome dele?

LAURA – Dele quem?

OLGA – Do cara do vídeo da Pat Boqueteira.

EMMA – Não.

GIOVANA – Também não.

LAURA – Nem sabia disso.

OLGA – Ninguém lembra. Não marcou a vida dele. Só a dela.

EMMA – Ele devia ser suspenso.

LAURA – O cara da Pat Boqueteira?

GIOVANA – Ele nem estuda mais aqui.

EMMA – O Eduardo.

OLGA – Ah, devia mesmo.

LAURA – Nada a ver.

EMMA – Por que não?

OLGA – Nossa, toda vez que eu olho pra ele me dá nojo.

LAURA – Ah, vai, vc não pegava ele? Ele é gato...

EMMA – Laura, cala a boca!

OLGA – Olha a merda que o cara fez...

LAURA – E como vocês sabem que foi ele?

EMMA – Laura!

LAURA – E se foi a Marina que deu em cima dele, se foi ela que fez tudo, como vocês sabem que não foi?

OLGA – Mesmo que tenha sido, né...

EMMA – Por ele, ele pegava todo mundo da sala...

LAURA – E daí, gente, homem é assim mesmo...

OLGA – Oi?

LAURA – Gente, é da natureza deles, eles mexem com todo mundo, na sala, na rua, é assim...

EMMA – Meu deus, que preguiça de mulher machista...!

LAURA – Ai, agora pra vocês tudo é machismo, também.

OLGA – Mentira, uma mulher repetindo um negócio desses...

LAURA – Alguém espirra e é “nossa, que espirro machista”! Para de falar disso...

EMMA – Adoraria falar de outra coisa, mas infelizmente ainda tem milhares de merdas acontecendo com as mulheres simplesmente porque elas são mulheres, então, não vou parar não, obrigada.

LAURA – Sempre foi assim.

EMMA – Quero que se dane como sempre foi, não sou obrigada, Laura.

GIOVANA – Emma, para também, meu.

EMMA – Uma única coisa que uma mina faz e nunca mais ela se livra, todo mundo fala dela pra sempre. Você acha certo?

LAURA – Deixa falar! Todo mundo fala de mim, também.

OLGA – Ninguém tá pixando teu nome no banheiro, né, Laura?

LAURA – Se pixarem, não vou tá nem aí.

EMMA – Que bom pra você, Laura. Só porque você não liga, tudo bem fazerem com ela, então?

LAURA – Eu não falei que tá tudo bem.

OLGA – Esquece, ela não entende.

EMMA – Podia ser qualquer uma de nós, você é cega ou o que?

Laura se levanta de saco cheio e se afasta do grupo.

GIOVANA – Você pega pesado, também, né?

EMMA – Ela só fala merda. Parece que não vê as coisas.

GIOVANA – Ela é mó criançona ainda... não sei porque você insiste...

Emma e Giovana também se afastam, meio discutindo, sentam em uma das bancadas pra retocar maquiagem. João entra em cena, fica um tempo em pé, meio perdido, depois senta-se ao lado de Olga, que está sozinha.

Que bosta de cena, que bosta. Será que tá todo mundo achando que foi uma merda? Eu não sei fazer essa merda, nem se tivesse ensaiado. Que merda. Ela passou a mão no cabelo. Esse cabelo dela é muito legal. Ela fica bonita com ele. Por que você não fala isso pra ela? Só diz “oi, ficou legal esse cabelo novo”. Não, ela vai achar ridículo. “Ficou mais bonita ainda com esse cabelo”. Nada a ver. “Oi, e esse cabelo aí?” Cala boca, ela vai achar que você é um imbecil. Só fala “oi”. Só “oi”.

JOÃO – Oi.

OLGA – Oi.

Isso, agora ela tem certeza que você é um imbecil. Tá de parabéns, imbecil. Sempre fala a coisa certa na hora certa. Boa. Fala mais alguma coisa. O que? Cacete. Pensa em alguma coisa. A peça, pergunta da peça.

JOÃO – Foi muito merda a cena? Foi muito ruim?

OLGA – Não, foi OK.

JOÃO – Eu não sei fazer esse papel, falei, não sei fazer.

OLGA – Tudo bem.

JOÃO – Tá ruim demais?

OLGA – Não. Olha, nem reparei.

JOÃO – Tá.

Parabéns, agora ele tá achando que você nem repara nele... que você não dá a mínima. Ótimo. Legal mesmo. Sua idiota. Dane-se, ele nem fala mais comigo direito. Que será que aconteceu? Eu achava que ele era mega afim,... era coisa da minha cabeça, obvio. Por que que ele seria afim de mim? Por que qualquer um seria a fim de mim?

Continuam sentados lado a lado, em silêncio. Breve pausa.

E agora, o que que eu falo pra ele?

E agora, o que que eu falo pra ela?

Continuam sentados lado a lado, em silêncio. Breve pausa.

JOÃO – Cadê aquela garrafinha?

Vai atrás de Laura, que passa pra ele a garrafa. Olga está sozinha no canto de uma das bancadas. Coloca os fones. Dá play em uma música.

CENA 02

MACHA – Me ajuda ou vou estragar tudo... Eu amo Constantin.

DORN – E o que é que eu posso fazer por você?

MACHA – Vou arrancar esse amor do meu coração pela raiz. Amar sem esperança, esperar anos a fio, esperar por quê?

JOÃO – Como falam de amor nessa peça, né? Tipo aqueles filmes velhos.

LAURA – Tipo os filmes que a Olga gosta.

OLGA – Gosto mesmo.

EMMA – Nunca que alguém ia falar isso hoje.

OLGA – Era diferente, né? Pensa, eles mandavam carta de amor... no tempo que demorava pra vir a resposta, dava pra inventar tudo que a pessoa tinha de bom, o quanto ela era linda, maravilhosa... dava pra inventar uma paixão inteira, antes de eles se encontrarem, antes de qualquer coisa acontecer.

LAURA – Agora você ficou com a pessoa uma vez já vê uma merda que ela postou, fica sabendo que falou não sei que merda pra não sei quem, já era, você nem quer pegar a pessoa de novo.

OLGA – É, tudo chega muito rápido. Até o fim.

JOÃO – Por isso que eu não pego ninguém, que é pra não dar problema.

OLGA – E Romeu e Julieta, que eles ficaram tipo duas vezes?

LAURA – E já foram logo se matando.

JOÃO – Verdade. Zoadó.

EMMA – No fim era tudo coisa da cabeça deles, só.

GIOVANA – Paixão é sempre coisa da sua cabeça.

LAURA – Nem sempre.

GIOVANA – É sim. É que as vezes acontece da pessoa que você acha que gosta também achar que está gostando de você, ao mesmo tempo. Aí é uma coisa inventada, só que correspondida. Até todo mundo se tocar que tava fazendo papel de trouxa o tempo inteiro.

EMMA – Como que faz pra não ser trouxa? Parece que tem um botãozinho de gostar/desgostar... aperta e esquece a pessoa rapidinho...

OLGA – É que a gente não ama as pessoas, a gente ama amar.

Breve pausa.

GIOVANA – Nossa, ela é profunda, ela.

Todos ríem.

OLGA – *(também rindo)* Ah, é sério. É muito louco gostar de alguém. Você até ontem nem tinha reparado que a pessoa existia, aí de uma hora pra outra: meu Deus, ela tá aqui do lado, e agora, o que eu faço? *(riem)*

LAURA – Você já tinha mandado mensagem pra pessoa mil vezes e dane-se, mas a partir de agora é: MEU DEUS O QUE QUE EU ESCREVO?

JOÃO – Você começa a se achar ridículo na frente dela, fica achando que falou bosta mesmo se tiver pensado mil vezes o que falar...

OLGA – E fica vermelha. O rosto começa a queimar, e quanto mais você quer controlar mais vermelha fica...

JOÃO – Parece que todo mundo tá olhando pra você. Só esperando a próxima cagada que você vai fazer.

EMMA – É meio igual subir no palco.

LAURA – E você não decorou as falas.

OLGA – Nossa, eu sempre sonho com isso.

EMMA – O que?

OLGA – Que eu tô no palco, e eu tenho um papel gigantesco, e a plateia tá cheia, e quando eu tento abrir a boca eu não sei o texto e todo mundo começa a rir e quando eu percebo eu tô pelada na frente de todo mundo...

Todos riem. Vitor entra em cena, vindo do outro lado da coxia.

VITOR – Cadê a gaivota? Vocês viram a gaivota?

LAURA – Não sei.

OLGA – Não tá do outro lado?

VITOR – Cadê a porra da gaivota?

Vitor sai novamente, rumo ao outro lado da coxia. Todos começam a procurar pela gaivota, entre caixas na coxia.

JOÃO – Mano, e essa gaivota?

OLGA – Que que tem?

JOÃO – Ainda não entendi.

GIOVANA – Como assim?

EMMA – A gaivota é a Nina. *(Breve pausa)* A personagem. *(outra pausa. João não reage)* Tipo o que o cara fez com a gaivota, o outro cara vai e faz com ela. Com a Nina.

JOÃO – Que?

EMMA – João, o personagem que era do Tiago vai e mata uma gaivota. Aí o personagem que você faz meio que faz a mesma coisa com a personagem da Marina.

JOÃO – Mas não é a Nina que larga o cara?

OLGA – *(pra Emma)* Esquece.

EMMA – Não posso, a gaivota é importante. A gaivota é a coisa mais importante da peça, segundo o nosso amado diretor.

GIOVANA – Você acha que se esse merda entendesse mesmo de teatro ele ia estar dando aula aqui na escola? *(riem)*

EMMA – Fracassado, aí fica descontando na gente.

LAURA – Dizem que no teatro profissional é assim mesmo, até pior.

EMMA – Nossa, como eu odeio esse cara, odeio!

GIOVANA – Achei!

Giovana tira a gaivota de dentro de uma das caixas. É um adereço mal feito, algo tipo escultura de papel machê feita por aluno do ensino fundamental. Ela levanta a gaivota e chacoalha, mostrando pra Vitor, que está do outro lado. Um tempo.

GIOVANA – Que? Não. *(Faz que não com os braços)* Vem você. *(faz sinal com as mãos.)* Não. Ah, não. De jeito nenhum.

Emma tira a gaivota das mãos de Giovana e a coloca lenta e cuidadosamente no chão, olhando fixamente pro outro lado da coxia, numa clara provocação.

EMMA – Folgado pra porra.

Todas voltam a seus lugares anteriores e olham pra gaivota que está no chão.

GIOVANA – Mana, olha bem pra isso.

OLGA – Parece um pato deformado.

EMMA – Ele pediu pros alunos do infantil fazerem?

OLGA – Na aula de artes.

LAURA – É muito feio.

EMMA – Tudo nessa peça é feio... roupa, cenário, música...

OLGA – E essas saias... nem tem nada de balé na peça!

LAURA – É só porque é na Rússia.

EMMA – E daí? Bota uma foto do Putin.

Vitor volta. Ele pega o adereço da gaivota no chão, resmungando alguma coisa pra Emma. Chama João que sai com ele.

LAURA – Vocês já viram Lago dos Cisnes? O balé? Minha mãe me levou pra assistir, uma vez. Foi no Municipal. Lá é bonito. Tem uma hora que a primeira bailarina, que é o cisne branco, dança com o príncipe. Todo mundo acha lindo... e é, mesmo... mas não sei por que nessa hora ao invés de olhar pra ela, eu comecei a reparar nas outras bailarinas que ficam atrás dela, umas vinte bailarinas, paradas ali no fundo (*faz a pose das bailarinas do coro*) enquanto eles dançam. Elas ficam uns dez minutos lá, paradas, olhando a primeira bailarina

dançar, cada salto, cada pirueta que ela dá, enquanto a plateia se emociona. Uns dez minutos! Dez minutos PARADA. Enquanto a primeira bailarina tá lá no momento de glória dela, tem outras vinte ali no fundo, todas com essas mesmas saínhas de tule ridículas (*aponta pra si mesma*), e tudo que deve passar na cabeça delas é “eu nunca vou ser como ela”. Porque na hora que acaba, todo mundo só fala do cisne. E as meninas lá do fundo são profissionais, elas fazem coisas que eu depois de tantos anos de ballet nunca consegui fazer, mas a verdade é que todo mundo só vai lembrar da primeira bailarina. Mesmo que pra isso vinte outras tenham que se sentir mal, sabe? Mesmo que outras vinte passem a vida dizendo que tentaram, mas nunca fizeram o cisne branco. E a gente guarda mais na memória as coisas que a gente não conseguiu fazer, não as que a gente fez. E todo mundo quer ser cisne, mas talvez a gente nunca seja.

Um silêncio que parece reflexivo, mas é logo quebrado por Olga.

OLGA – Qualé a dos russos com pássaro? Sempre tem uma gaivota, um cisne...

GIOVANA – Russos são estranhos.

Breve silêncio.

LAURA – (*voltando a sentar*) Quando a gente entra de novo?

OLGA – Faltam duas cenas, ainda.

Breve silêncio. Laura toma mais um gole da vodka. Estende a garrafa pra próxima. Vão passando de mão em mão. Outro silêncio após todas beberem.

GIOVANA – Vocês viram o Tumblr dela?

LAURA – Qual tumblr?

GIOVANA – Tô mandando no grupo.

(Todas pegam seus telefones e entram na página. As quatro olham pra seus celulares durante todo o diálogo que segue)

OLGA – Sua gaivota. É dela?

GIOVANA – Tá na cara que é...

LAURA – *(lendo)* Sou uma gaivota. Não, sou uma atriz... *(ri)* Gente, ela leva a peça a sério...

EMMA – Claro, ela faz a principal. Se eu fosse a principal era fácil levar a sério.

OLGA – Mas como não é, faz questão de fazer tudo cagado.

EMMA – É tipo um protesto. *(riem)*

GIOVANA – *(lendo)* Você um dia vai ser uma estrela, ele disse. Se você acredita, eu acredito também.

OLGA – Você fez o teste? Pro papel dela?

EMMA – Fiz todos os testes pra todos os papéis, ele não gostou de nenhum.

LAURA – *(lendo)* Nem que eu estivesse escrevendo as tuas falas e as minhas essas nossas conversas seriam tão perfeitas. *(pras outras)* Será que é ela mesmo?

GIOVANA – Claro que é.

OLGA – Pode ser qualquer mina, apaixonada por qualquer pessoa.

LAURA – *(lendo)* Será que tudo poderia acontecer de verdade? Só um sonho, imaginação, bobagem minha, eu sei. Mas e se?

GIOVANA – Dá pra ver que é ela. Vai lendo.

LAURA – *(lendo)* Como é bom ouvir sua voz. Mesmo estando longe.

GIOVANA – Olha lá, julho. Nas férias.

LAURA – E daí?

GIOVANA – E daí que ela falou com o Eduardo nas férias?

EMMA – Não entendi...

GIOVANA – É óbvio que ela tava com ele já.

OLGA – Como você sabe que não é do Tiago que ela tá falando? Em julho eles tavam juntos.

EMMA – Eles terminaram quando as aulas voltaram, acho.

OLGA – *(lendo)* Se um dia precisar da minha alma, é só vir e tomar. *(para as outras)* Será que ela mesma que escreveu isso?

EMMA – Deve ser tudo Clarice Lispector.

LAURA – Ou Shakespeare.

GIOVANA – Tinha umas fotos antes... dava pra sacar que era ela... depois que a galera descobriu e começou a comentar, aí ela apagou tudo.

LAURA – Tudo não, né...

GIOVANA – É, algumas coisas, só. Não entendi porque ela não apagou tudo.

OLGA – *(lendo)* A gente pensa que é amor, mas vem outro amor bem maior e é aí que a gente entende.

GIOVANA – Olha lá, indireta pro Tiago.

LAURA – Total foi! *(lendo)* Não, não tem volta. Chega de achar que a nossa história valia a pena. Quanto tempo perdido numa estória de amor requentada.

EMMA – *(rindo)* Nossa, como é maravilhoso quando a gente supera a pessoa, né... quando você pode olhar pra ela de boa, que pra você ela já não faz nenhum efeito.

LAURA – Melhor coisa

OLGA – Pra quem superou, né... não pra quem foi superada.

TRIGORINE – Não é todo dia que conheço mocinhas jovens e curiosas. Não consigo mais imaginar com clareza o que se sente com dezoito ou dezenove anos, em meus romances as mocinhas sempre soam falsas.

LAURA – *(parando pra prestar atenção na cena)* Pera, não é depois dessa cena que a gente entra?

EMMA – Que? *(repara também)* Não, tem tempo ainda. Relaxa.

OLGA – *(lendo)* Não sei o que fiz antes de te amar. *(para as outras)* Será que o Tiago lia isso?

LAURA – *(lendo)* Eu só me sinto em casa quando você está por perto.

GIOVANA – Lia. Foi ele que me mostrou.

TRIGORINE – Eu gostaria de poder ficar em seu lugar, ao menos por uma hora, para descobrir em que você costuma pensar, do que você é feita.

OLGA – Deve ter sido foda pra ele. Ele gostava muito dela, né?

LAURA – *(lendo)* Um amor vai curando o outro até a gente encontrar um que não machuque e que não deixe o próximo existir.

EMMA – Você tentou ligar pra ele de novo?

GIOVANA – Vou tentar... *(ela liga)*

TRIGORINE – Existem certas ideias fixas, que fazem um homem passar dia e noite pensando numa coisa só, como a lua, por exemplo; e eu tenho a minha lua em particular.

OLGA – Por isso ele ficou tão mal...

LAURA – *(lendo)* Queria gritar que sou sua, que você é meu. Mas ainda não posso fazer isso.

GIOVANA – Sei lá, eles nunca se deram tão bem assim...

OLGA – Não?

GIOVANA – Brigavam pra caramba. Ficavam indo e voltando o tempo todo.

EMMA – E você stalkeando...

GIOVANA – Cuida da tua vida, Emma.

LAURA – *(lendo)* Não te amar está acima das minhas forças. Nós dois também fomos engolidos pelo redemoinho.

GIOVANA – *(desistindo da chamada)* Tá desligado.

LAURA – *(lendo)* Quase contei nosso segredo hoje. Sei que você não ligaria, mas eu não ia me perdoar.

GIOVANA – Tá vendo como era tudo escondido? É do Eduardo que ela tá falando...

LAURA – *(lendo)* Me desculpa se cobro demais, insisto, ligo demais, sinto tanta saudade, não sei ficar sem você perto. Eu sei que eu sou difícil e me suportar é quase impossível e não vou me importar se você quiser tirar férias de mim. Se eu pudesse, faria isso também.

OLGA – Que pesado.

EMMA – Daí pra frente só piora...

NINA – Pela felicidade de ser atriz eu enfrentaria minha família, a pobreza, as decepções, morar em qualquer lugar, comer pão dormido, suportaria tudo... mas em troca exigiria a glória... a glória verdadeira...

LAURA – *(lendo)* Você dizia que nunca deixaria alguém me machucar, mas aí você foi esse alguém.

GIOVANA – *(lendo)* Me desculpa, me desculpa, me desculpa, não vou aguentar te perder.

EMMA – Por que a gente sempre cisma com umas pessoas que nem são tão legais assim?

GIOVANA – *(lendo)* Você é a última vez que eu faço isso comigo.

OLGA – Diz que tem a ver com hormônio...

EMMA – Fica criando a pessoa perfeita na cabeça.

GIOVANA – É só ver as datas. *(lendo)* Malditos dois tracinhos azuis.

LAURA – E a pessoa nem existe.

GIOVANA – *(lendo)* Malditos dois tracinhos azuis. Maldito silêncio.

LAURA – Eu às vezes gosto de olhar os manequins nas vitrines do shopping e pensar: nossa, um cara desses eu pegaria... *(riem)*

GIOVANA – Eu tô esperando você voltar pros planos que nós dois fizemos, os próximos passos.

EMMA – *(ri)* Nada a ver, sua louca.

GIOVANA – Novembro, isso.

LAURA – *(ri)* Imaginário por imaginário....

GIOVANA – *(lendo)* Não diz que eu imaginei tudo. Eu sei o que você falou. Eu sei o que eu ouvi.

OLGA – É uma merda se apaixonar. Nunca vale a pena.

GIOVANA – *(lendo)* Eu vou fingir que não sinto, até eu deixar de sentir.

EMMA – Por isso todo mundo foge o tempo inteiro.

OLGA – Ninguém quer ser a metade que ama mais.

GIOVANA – *(lendo)* Afinal, o que somos

quando o amor

e os sonhos

se esgotam?

Silêncio.

NINA – Passei a minha vida inteira às margens do lago e não tem uma ilha que eu não conheça.

GIOVANA – Se olhar bem, do primeiro ao último post dá cinco meses...

EMMA – Nossa, Giovana, você é detetive?

GIOVANA – Ah, eu queria saber.

EMMA – Saber se ela ia voltar pro Tiago, né?

GIOVANA – Nada a ver.

EMMA – Ao invés de falar pra ele, fica stalkeando a ex do menino... ridícula...

GIOVANA – Cala a boca.

EMMA – Por que você faz isso com você?

GIOVANA – Ai, Emma, vai se fuder.

Giovana sai pro banheiro.

TRIGORINE – Como a gente se sente bem aqui! Eu realmente não sinto a menor vontade de ir embora.

OLGA – Ah, tá. Quem vê pensa que você fala pra ela o que você sente.

EMMA – Eu já falei.

OLGA – Aham.

EMMA – De certa forma, sim.

OLGA – Ou parte pra cima ou parte pra outra.

EMMA – Eu sei...é que a gente é muito amiga, não quero estragar isso.

OLGA – Você tá estragando é o emocional, né, amiga.

Emma bebe mais um gole da garrafinha. Vitor volta, vindo do outro lado.

TRIGORINE – O que é isso?

NINA – Uma gaivota. Cóstia quem matou.

Trigorin – Que bonita!

OLGA – Vixi, olha lá.

Todos correm pra beira do palco, e observam juntos a cena de João, que já está bastante confuso, pelo nervosismo e pela vodka.

NINA – O que você está escrevendo?

TRIGORINE – Nada. Tomando notas. Ideias para uma história. Um conto curto.

EMMA – Vamo, João. Bora.

Silêncio.

VITOR – Uma jovem vive desde a infância perto de um lago...Vai!

LAURA – Ai, não. Caramba.

NINA – Qual é?

TRIGORINE – Tema para um conto curto.

Novo silêncio. Giovana volta para perto do grupo.

GIOVANA – Ele não tá lembrando?

EMMA – Pu-ta-que-pa-riu.

TRIGORINE – Tema para um conto curto.

Laura pega seu celular e começa a filmar a cena que está rolando no palco.

Todos estão nervosos mas ao mesmo tempo achando engraçado.

VITOR – Mano, qual é o problema desse moleque?

OLGA – Ai, gente, que aflição.

Olga pega a garrafinha e toma um outro gole.

**NINA – Me dá o caderno aqui, deixa que eu leio pra você. Tema para um
conto curto.**

VITOR – Aeee, salvou.

Gestos e suspiros de alívio de todo o elenco na coxia. Giovana pega a garrafa e toma um gole também.

VITOR – Que porra é essa que vocês tão passando aí?

LAURA – Vodka.

NINA – Uma jovem vive desde a infância perto de um lago, uma moça assim como você; ela ama o lago como uma gaivota, é feliz e livre, como uma gaivota.

VITOR – Vocês trouxeram vodka pra peça?

LAURA – *(dando de ombros)* Peça russa.

VITOR – Dá um gole aí.

Vitor pega a garrafa e dá um gole longo.

NINA – Mas aparece um homem, e por pura falta do que fazer, tira a vida dela, como se ela fosse uma gaivota.

Todos se dispersam quando percebem que a cena deu certo e não há mais o que filmar. Vitor acena para João, que saiu pelo outro lado do palco, e vai se encontrar com ele. As meninas se organizam pra entrar em cena em seguida.

NINA – É só um sonho!

Marina volta para a coxia, após sair de cena. Ela tem a gaivota na mão. Por um tempo fica em suspenso, como que perdida. Emma, Laura e Giovana entram em cena para a troca de cenário. Olga sentada em uma das bancadas, com os fones. Marina começa a quebrar o adereço, batendo contra o chão repetidas vezes. Não grita, não xinga, não fala. Apenas quebra. Olga percebe, mas finge não perceber. Talvez faça menção de se levantar e ir em socorro da outra, mas ao final acaba não fazendo nada.

CENA 03

Emma está em uma das bancadas retocando maquiagem. Laura joga um jogo sozinha em um canto. Os outros estão em cena, ou do outro lado da coxia. Só Giovana e Olga conversam.

ARCADINA – Nunca vou saber por que razão Constantine tentou se matar.

SORINE – Um rapaz jovem, inteligente, vivendo no campo no meio do nada, sem dinheiro, sem posição, sem futuro. Sem ter o que fazer. Ele sente medo e vergonha de ser um desocupado. No fundo, ele acha que é demais na casa, um parasita...

GIOVANA – Eu já pensei em fazer isso uma vez.

OLGA – Sério?

GIOVANA – É... Pensei em desistir. Eu não via mais sentido em nada, mas daí na hora desistir também não fazia mais sentido. Nem ir embora fazia sentido. Eu não queria fazer mais uma escolha errada, sabe, entre tantas.

OLGA – E você acha que ficar foi a escolha certa?

GIOVANA – Não sei. Acho que a gente nunca tem como saber.

OLGA – É, acho que não. *(pausa)* Você acha que foi por causa da Marina?

GIOVANA – O que?

OLGA – Que o Tiago... *(pensa)* Eu não acho que ele fez...

GIOVANA – Eu também não.

OLGA – Mas se ele tivesse feito...

ARCADINA – Você não vai tornar a fazer bobagens quando eu estiver longe, vai?

GIOVANA – Acho que não... pode ser até pense que é por causa dela, que ele tá triste por causa dela, mas ela não tem culpa...

TREPLEV – Não, mamãe. Foi um momento de desespero, em que eu perdi o controle...

GIOVANA – Ninguém tem culpa de não gostar mais de alguém... e ele já tava triste muito antes disso. Antes da Marina entrar na escola, até.

OLGA – Verdade.

GIOVANA – A gente conversava muito, de madrugada... eu tava triste, ele também... a gente falava muita coisa um pro outro... Eu sei tudo que ele tava passando. Não tô falando da Marina, tô falando dele. Da casa dele, da mãe dele. Ela cobra ele muito. Ele se cobra muito. Eu não sei se dava pra ter feito alguma coisa. Ele tava indo na psicóloga, se tratando, e tem os professores, os pais dele, tanta gente, ninguém percebeu. Ou todo mundo percebeu e ninguém fez nada.

Mesmo assim eu me sinto uma amiga de merda.

GIOVANA – Ele falava que se ele fosse embora não ia fazer falta. Que não faria a menor diferença pra ninguém. Eu falava que pra mim ia fazer diferença, sim. Pra família dele. Aqui na peça. Ele dizia que não, que se ele sumisse tudo ia continuar normal, como se nada tivesse acontecido....

TREPLEV – Eu não tenho mais nada. Ela não me ama. Não tenho mais nenhuma esperança.

GIOVANA – E, bom... metade da peça já foi, né...

OLGA – Não é a mesma coisa.

GIOVANA – Eu sei que não.

É que o mundo segue. Se a gente for embora o mundo segue, mesmo sem a gente. Não faz diferença.

OLGA – Ninguém é insubstituível, mas isso não quer dizer que a gente não faça diferença pras pessoas.

ARCADINA – Não se desespere... tudo se resolve. Ele vai embora e ela vai te amar de novo.

Vitor passa saindo de cena.

VITOR – Que merda de peça de bosta.

EMMA – A gente sabe.

VITOR – Mano, ninguém consegue fazer uma merda de uma cena direito. Eu nem ensaiei essa porra desse papel e tô fazendo melhor que todo mundo.

EMMA – Nossa, que fodão você.

VITOR – Ah, cala sua boca, tô fazendo mesmo.

EMMA – Não me manda calar a boca!

VITOR – Vai se fuder, Emma, você é folgada pra cacete.

EMMA – Folgado é você! Escroto!

VITOR – Vai, vai lá trocar o cenário, vai.

EMMA – Imbecil!

VITOR – Idiota.

GIOVANA – Emma!

As outras pedem silêncio, apontam o palco. Emma segue falando, revoltada, mas tentando controlar o volume da voz, pra não atrapalhar.

EMMA – Eles sempre fazem o que querem, e a gente sempre deixa. A gente aprende a dizer sim e eles aprendem a ouvir sim. A gente fala não, eles ouvem sim. Eles ouvem só o que eles querem, e a gente é obrigada a ouvir o que não quer o dia todo. De professor, de gente na rua, dos velhos, quando passa com short curto, quando anda sozinha, quando tá na praia, quando engorda, quando fala alto, quando anda de mão dada, quando corta o cabelo, quando quer, quando não quer, o tempo todo, e nem reclama porque aprende que tem que dizer sim ou então ficar quieta. Até quando?

Emma vai pro banheiro, meio chorando de raiva. Laura olha de longe, Olga faz sinal pra ela dizendo pra ir atrás dela. Laura só faz que não com a cabeça e volta pra seu jogo no celular.

OLGA – Que que ela tem?

GIOVANA – Raiva.

OLGA – Nossa... hoje tá demais.

GIOVANA – Acho que ela só tá chateada. Sabia que os pais dela nunca vieram assistir? Ela tá no teatro faz cinco anos, eles trazem ela aqui e vão embora, passam depois pra buscar. Ou ela vai sozinha. Mas eles nunca vieram. Nunca! E é tão importante pra ela. Os pais fazem merda demais. Tudo bem que os pais deles também fizeram merda com eles, mas por que a gente tem que pagar por isso?

OLGA – Faz um esforço pra não repetir as mesmas merdas com a gente, né? Inventa umas merdas diferentes...

GIOVANA – Se eu um dia tiver filho vou fazer isso. Tentar, pelo menos.

Emma volta do banheiro e senta junto com as duas.

EMMA – Tem um pixo no banheiro.

GIOVANA – Tem vários.

EMMA – Falando da Marina.

LAURA – Aqui também?

OLGA – Mas ninguém usa esse banheiro, só quando tem apresentação.

EMMA – Ou seja?

OLGA – Foi alguém daqui...

GIOVANA – *(pra Laura)* Foi você?

LAURA – Claro que não.

EMMA – Idiota...

LAURA – Não fui eu! Tenho mais o que fazer.

OLGA – Não consigo nem pensar o que eu ia fazer se fosse comigo...

EMMA – E os comentários que fizeram no twitter, no Tumblr...?

OLGA – São péssimos?

EMMA – Totalmente.

LAURA – *(ela vai pra junto das outras)* Tipo o que?

EMMA – Umas coisas pesadas.... *(lendo)* Que vagabunda. E acha que ninguém sabe quem ela é.... hahahaha./ Parabéns pela falta de noção. / Bem feito troxa kkkkk / Ficou com ele porque quis, né, sabia onde tava se metendo, na hora foi bom agora aguenta.... / ué, se não queria que caísse fora, a culpa é dela sim / Camisinha ninguém conhece né? / Aí faz de coitadinha, não tem santo nessa história, não...

Silêncio.

LAURA – É, não deve ser fácil...

EMMA – Claro que não é.

Outro silêncio.

LAURA – Uma vez a gente saiu do ensaio e quando eu cheguei lá no portão eu vi que tinha esquecido minha blusa na sala... aí eu voltei correndo pra buscar... A hora que eu entrei tavam só eles dois. Ela meio que tava chorando, ele tava segurando ela pelo braço... e eu achei que fosse da peça, que eles tavam ensaiando, sei lá, achei que ele tava dando alguma bronca nela, por causa da cena, ou alguma coisa assim, parecia um pouco isso. A hora que eu entrei ele olhou pra mim e largou ela, e ela meio que escondeu a cara e foi pro fundo, e ele perguntou meio bravo o que eu queria e eu disse que só precisava pegar minha blusa e ele meio que deixou, mas ficou aquele silêncio na sala, eu não lembrava em qual cadeira eu tinha deixado e eu tive que procurar no meio das fileiras, e ele ficava me apressando, e eu acho que ouvi a Marina resmungando alguma coisa, mas não sei o que, eu achei a blusa e saí de lá meio correndo. Você lembra? Eu encontrei você depois, te falei disso.

TRIGORINE – (*lendo*) “Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar.”

OLGA – Lembro.

LAURA – Mas eu não sabia que eles se pegavam....

TRIGORINE – Se um dia precisar da minha vida, é só vir e tomar.

EMMA – Nos ensaios, ele sempre brigava com ela também.

LAURA – Mas ele briga com todo mundo.

OLGA – Pensa que bizarro quem te dá bronca na aula é meio que seu namorado?

EMMA – Que você acha?

GIOVANA – Eu?

EMMA – É. Você nunca fala nada.

GIOVANA – Sei lá. Problema deles.

LAURA – Gente, quem somos nós pra impedir o amor?

EMMA – Quem disse pra você que era amor?

LAURA – Quem disse pra você que não era?

OLGA – A lei. A lei disse. A lei deixa bem claro.

**ARCADINA – Eu sei o que prende você aqui. Você precisa se controlar.
Você está um pouquinho embriagado e precisa ficar sóbrio.**

EMMA – Não é crime.

OLGA – Claro que é!

EMMA – Não é, ela tem dezesseis anos, ela não é mais criança, se ela também quis então não é um crime, agora se ele forçou ela a fazer alguma coisa, aí foi. Só que a gente não tem como saber o que que aconteceu de verdade.

OLGA – Como não sabe? É óbvio. Ele é muito mais velho que ela... ele é nosso professor... e ele sempre foi assim, sempre ficou falando merda pras meninas todas... fala como se fosse piada, mas fala... depois dá risada, diz pra não levar a sério... mas fica fazendo graça o tempo inteiro...

EMMA – O João de matemática também... toda hora, fica falando merda... parece que precisa se mostrar.

GIOVANA – Na hora que a gente passa ele até vira o pescoço pra olhar pra gente, credo.

TRIGORINE – Você é capaz de sacrifícios. Seja minha amiga.

OLGA – Mas quando falaram do João pra coordenadora, ela nem ouviu direito, lembra? A Monica foi lá reclamar, e aí disseram que ela não podia desrespeitar um professor assim, uma pessoa mais velha... que ela não podia falar sem ter certeza do que ela tava falando, que aquilo era muito sério e ela precisava pensar direito na acusação que ela tava fazendo.

LAURA – Mas o Eduardo, sei lá, nunca aconteceu nada assim grave... ou teve?

EMMA – O que é grave pra você?

ARCADINA – Mas você está tão envolvido assim?

GIOVANA – Dizem que ele namorava com a Catia, lembra? Uma menina do terceiro ano passado, ou retrasado... lembra? Uma loira? Cabelão liso? Peitão?

EMMA – Igual a Marina...

TRIGORINE – Ela me atrai. Eu a vejo nos meus sonhos. Sonhos maravilhosos e doces. Pode ser que seja disso que eu precise.

GIOVANA – É, meio parecida com a Marina mesmo... depois que ela se formou, parece que eles começaram a namorar...

OLGA – Depois que ela se formou?

GIOVANA – Ah, sei lá quando foi. Dizem.

LAURA – Sei lá... a Marina... e se aconteceu de verdade? E se ela gostava dele de verdade?

OLGA – E se quem inventou a paixão dela por ele, foi ele?

LAURA – Que?

OLGA – Se foi ele que fez ela achar que ela tava apaixonada... ele que convenceu ela a fazer as coisas...

GIOVANA – Nossa, Olga, mas aí também você tá falando que ela é trouxa, né, que ela não é capaz de pensar sozinha...

ARCADINA – Eu sou uma mulher igual as outras. Você não pode me dizer essas coisas.

OLGA – Não é isso... É só que é muito fácil se apaixonar pela pessoa errada só porque você tá triste... só porque você acha que ninguém nunca vai se apaixonar por você... porque ela te fala que você é talentosa e maravilhosa e linda e especial, e quem não quer se sentir talentosa e maravilhosa e linda e especial?

EMMA – Não é estranho? Tá, cada um pega quem quiser e tals, mas e se fosse o contrário? Tipo a Joyce de química pegando um dos meninos da sala... *(as outras riem)*

LAURA – Bizarro...

EMMA – É injusto. Porque ele sabe o que é ter dezesseis anos, ele já passou por isso. E de algum jeito ele sobreviveu, ele tá aí, tem um nome, uma carreira, um emprego, se bobear até uma família. A gente não sabe da vida dele, sabe? Mas ele sabe. Ele já jogou esse jogo várias vezes, com muita gente antes de jogar com ela. Um jogador profissional jogando com alguém do juvenil. Ele já teve a idade dela, ela nunca teve a idade dele. Ela só vai descobrir as escolhas erradas que ela fez aos dezesseis anos quando tiver trinta e dois, daqui a uma outra vida inteira jogada fora.

Silêncio.

TRIGORINE – Eu nunca tive, até hoje, um amor igual a esse.

ARCADINA – Você perdeu a razão.

EMMA – Como diz a Sueli, “é muito difícil uma relação de poder ser boa pra quem não tá no poder”.

GIOVANA – Quando ela falou isso?

EMMA – Ela fala isso toda aula.

GIOVANA – Ah. Eu durmo.

Pausa.

OLGA – Se for verdade que ela tá grávida, ela vai carregar isso pra vida toda.

**ARCADINA – Se você me deixasse, nem que fosse por uma hora, eu
morreria, eu ficaria louca.**

LAURA – Será que ele vai assumir? Casar com ela?

EMMA – *(faz que não com a cabeça)*

OLGA – Dizem que até não sei quantas semanas o bebê não sente nada.

GIOVANA – Fala sério.

LAURA – É proibido.

OLGA – Ah, mas... tem outros jeitos...

GIOVANA – Que outros jeitos?

LAURA – Para, é pecado.

OLGA – Sei lá.

EMMA – Nada a ver.

GIOVANA – Para, é arriscado.

LAURA – Eu acho, ué.

OLGA – É, de qualquer jeito ela corre risco.

EMMA – Você não tem que achar nada.

OLGA – De morrer. De mudar a vida dela inteira.

LAURA – É a minha opinião.

GIOVANA – Será que os pais dela sabem?

LAURA – Eu tenho direito a uma opinião.

OLGA – Do Eduardo? Ou do bebê?

LAURA – É só a minha opinião.

OLGA – Dos dois...

EMMA – Mas não é o teu corpo, né?

GIOVANA – Será que ela contou pra eles?

LAURA – Tem que assumir a responsabilidade.

OLGA – Eu não ia ter coragem de contar...

EMMA – Fala isso pro pai.

GIOVANA – Nem eu...

LAURA – Minha opinião, só.

GIOVANA – E a direção?

EMMA – Foda-se a sua opinião.

GIOVANA – Eles sabiam?

LAURA – Foda-se você. É lei. É lei.

GIOVANA – Não vão fazer nada?

EMMA – Que que você sabe de lei, Laura?

GIOVANA – Vão mandar ele embora? Eles podem mandar ele embora?

LAURA – Não pode fazer!

GIOVANA – Podem botar ele na cadeia?

EMMA – Mana, que insuportável.

LAURA – Não pode e pronto.

OLGA – Todo mundo devia saber de tudo e não fez nada.

EMMA – Ai, tá bom, Laura, até aí não pode trazer vodka pra peça também...

LAURA – (*provocando*) Mas bem que você tá tomando, né?

Riem. Emma pega a garrafa e toma mais um gole. As outras também. Marina entra, vinda do outro lado da coxia, e para perto da entrada de cena.

OLGA – (*um pouco mais baixo*) Ninguém tem culpa de se apaixonar.

EMMA – (*idem*) Mas saber que é cagada, e escolher ficar mesmo assim?

OLGA – Duas vezes mais cagada.

GIOVANA – É.

OLGA – Mesmo assim...

LAURA – A gente não controla isso...

OLGA – E amar é abrir mão de umas coisas, também.

EMMA – Mas não devia ser abrir mão de você...

GIOVANA – O que que você tanto entende de amor? Você nunca nem gostou de ninguém...

EMMA – Oi?

GIOVANA – Você nunca me disse nada...

Emma sorri, sem saber o que responder. As outras também. Marina entra em cena. Todas elas observam. Depois se distraem em seus próprios afazeres. Retocando maquiagem, olhando o celular, ouvindo música, ou simplesmente não fazendo nada. Só esperando o tempo passar.

NINA – Eu sabia que ainda íamos nos ver.

TRIGORINE – Você é tão linda.

NINA – Vou embora amanhã, vou deixar meu pai, deixar tudo pra começar uma vida nova. Como vocês... eu vou pra Moscou. E lá nos veremos.

TRIGORINE – Que alegria pensar que daqui a pouco vamos nos ver de novo. Vou ver de novo esses olhos maravilhosos, esse sorriso tão lindo, estes traços tão doces, essa expressão angelical... minha querida...

João entra pela direita, saindo do palco. Uma grande troca de cenário entre as cenas 03 e 04. As meninas andam de um lado para outro, pegando objetos em cena e levando para fora (para o palco). João está parado no meio da coxia, acompanhamos os pensamentos dele enquanto todos os outros atores e atrizes circulam ao redor, em diferentes velocidades, preparando a cena seguinte.

Já tá tudo fudido mesmo, queria que esse treco acabasse logo, queria deixar de pensar nela, que merda, eu não consigo, fala logo alguma coisa, aproveita que você tá bêbado, foda-se, fala alguma coisa, falar o que? Eu devia ter dito isso antes, ano passado, devia ter dito ano passado, quando a gente tava na mesma sala, agora ela deve me achar um fracassado, um bosta, um repetente, um imbecil, ela acha que eu sou um imbecil, eu tinha minha chance mas eu fiz merda, essa é a verdade, eu fiz merda, agora é tarde, mas ela sorrindo fica tão bonita, caralho, minha cabeça tá rodando, eu devia dizer alguma coisa, que merda é essa que tá acontecendo, lembra quando o Sergio disse aquela merda no intervalo, putaquepariu hahahahahaha, ridículo, ele é muito idiota, que cara estranho, onde será que ele tá agora, porra, ela tá me olhando, fala alguma

coisa, fala alguma coisa, caralho. Que merda. Que é isso? Pera, que é isso?

Corre. Só corre.

João sai de cena para o banheiro para vomitar.

CENA 04

(entre o terceiro e o quarto ato há um intervalo de dois anos)

MACHA – É só uma questão de a gente se acostumar, não ficar sempre à espera, à espera de alguma coisa... quando o amor entra pelo coração é preciso colocar ele pra fora. Arrancar tudo pela raiz. Pode ficar certa que eu esqueço dele em dois tempos. Não é tão sério assim.

LAURA – Quanto tempo ainda pra acabar?

OLGA – Acho que uns vinte minutos.

LAURA – Tudo isso?

OLGA – Nos ensaios tava dando uma hora e dez, mais ou menos...

LAURA – Quero ir embora.

GIOVANA – A hora não passa, né.

LAURA – Não acaba nunca.

GIOVANA – Parece propaganda do youtube.

EMMA – Vai, até que tá passando rápido.

OLGA – Mais rápido que aula.

GIOVANA – Verdade.

EMMA – Mais rápido que viagem de carro.

LAURA – Eu queria poder ir e voltar no tempo, sabe... dar um pulo, saber o que vai acontecer daqui a um, dois anos? Dez?

OLGA – Receber umas mensagens da sua eu do futuro contando o que aconteceu, avisando que deu tudo certo.

EMMA – Eu queria aqueles textos tipo de fim de filme. “Emma formou-se em direito, tornou-se uma advogada de sucesso e hoje vive na Califórnia com a esposa e cinco filhas.” (*todas riem*)

GIOVANA – Caramba, cinco?

EMMA – (*rindo*) “Olga formou-se em filosofia, lançou oito livros e mora em Paris, onde luta pelos direitos dos animais e dá palestras sobre veganismo”.

OLGA – (*rindo*) Só fazem isso em filme que não vai ter parte dois. Quando eles acham que aquelas personagens podem render mais um filme, aí eles deixam o final meio em aberto...

GIOVANA – Eu gosto quando é assim. Dá pra escolher você o final que você acha mais legal.

OLGA – É, e essa coisa de no final todos os problemas acabarem, como se depois nunca fosse aparecer problema de novo, não tem nada a ver.

LAURA – Mas dá um nervoso, também. Quando não mostra o fim.

EMMA – Verdade.

LAURA – Parece preguiça.

EMMA – É. E na real todo mundo quer saber o que vai acontecer no fim. Todo mundo gosta de falar do futuro.

GIOVANA – Ai, eu não. Não aguento mais falar de futuro! Só o que todo mundo faz é falar comigo de futuro. Planejar um futuro pra mim, falar o que eu tenho e não tenho que ser. E gastar as ideias todas, porque depois que eles falam, aí que eu não tenho a menor vontade mesmo de fazer aquilo que eles falaram.

EMMA – “Amarga após separar-se de seu quarto marido, Giovana viaja o mundo gastando sua fortuna e reclamando de todos os países que visita”.

GIOVANA – *(rindo)* Não sou tão chata assim.

LAURA – E eu?

EMMA – “Após tornar-se um ícone do teatro musical, Laura tornou-se a primeira brasileira a ter seu nome na Calçada da Fama em Hollywood”.

LAURA – Ai, morri! Quero!!! Quero agora!!!

Marina sai apressada do banheiro. Para em frente delas. Todas olham. Momento de suspensão.

MARINA – Alguém tem um absorvente pra me emprestar?

Todas as meninas correm imediatamente pra suas mochilas em busca de absorventes. Laura e Emma vão entregar os absorventes pra ela.

LAURA – Aqui, pode pegar.

MARINA – Obrigada.

LAURA – Imagina.

EMMA – *(também entrega)* Não precisa devolver, não.

(riem)

MARINA – Desculpa, é que eu não sabia que... *(a risada começa a virar choro)*

EMMA – Tá tudo bem.

Olga vai até ela e a abraça.

OLGA – Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Marina se solta do abraço, corre pro banheiro. As outras permanecem em silêncio por um tempo.

LAURA – *(muito baixo, quase sem som)* Quer dizer que...?

EMMA – *(idem)* Acho que sim.

Estão surpresas. Um pouco aliviadas pela outra. Observam o palco um tempo.

TREPLEV – Ela fugiu por causa de Trigorine. E teve um filho. A criança morreu. Trigorine cansou dela e voltou pros antigos amores, como era de esperar. A vida particular de Nina foi um fracasso, e o teatro acho que foi ainda pior. Sempre fazendo papéis importantes, mas sempre representando mal, com mau gosto, gritando e gesticulando demais.

Marina volta do banheiro. Se coloca perto da entrada da cena, observando, se preparando pra entrar. As outras observam também. Ninguém tem coragem de dizer nada. Até que Marina resolve falar.

MARINA – Eu sonhava com ele há muito tempo. Não com ele mesmo, mas com alguém que eu ia conhecer um dia e que ia me amar, me tratar bem, me entender, alguém que eu ia poder falar qualquer coisa. Eu só precisei encaixar a imagem dele nessa pessoa pronta que eu já tinha na cabeça. Foi fácil. Ele parecia tão perfeito. Tão bonito. As coisas que ele falava! Eu queria ser igual a ele um dia. Ele dizia que eu podia confiar nele, ele via coisas em mim que ninguém mais via. Falava que eu não era como as outras, que eu era madura pra minha idade. Ele tava era dizendo que meu corpo já era adulto o suficiente para ele me foder sem culpa.

Meu Deus, olha o que você tá falando. Elas vão achar que você é uma vadia.

Elas vão te odiar. Elas te odeiam. Todo mundo te odeia.

MARINA – Ele nunca ia me machucar porque ele era mais velho e ia saber cuidar de mim. Quando ele dizia que eu precisava acreditar mais no meu talento, que

eu precisava me soltar, eu deixei ele me levar porque achei que ia ser prum lugar bom. Eu estava fraca demais pra dizer não, acho.

Triste demais pra dizer não. Boa moça demais pra dizer não. Nova demais pra dizer não.

MARINA – Quando ele disse que era perigoso, que podia dar problema, que eu era menor, eu disse que eu sabia o que tava fazendo. Que eu não ia contar pra ninguém. A gente tava vivendo um amor lindo e secreto, que todo mundo ia ser contra, e claro que isso só provava o quanto era uma coisa especial. Ele me chamava de Minha Gaivota. Eu não entendia. Era tão óbvio, era óbvio como ia acabar, tava escrito já, e mesmo assim eu não entendi. Não entendi nada.

Burra, burra, você foi burra. Você sabia, sim. Você achou que ia ser a exceção. Todo mundo acha que vai ser a exceção. Mas você foi a regra. Sempre é a regra. É por isso que regra chama regra.

MARINA – Ele tava escrevendo uma história, e o personagem principal era ele. Eu tava lá pra deixar tudo bonito, leve, divertido, eu era um bom cenário pra história dele. Uma personagem menor, que se some no meio do filme a gente não se importa, porque tá preocupado com outras coisas. O que ia acontecer comigo, no fundo, não fazia diferença. A história toda foi do jeito que ele queria.

TREPLEV – Ela começou a me escrever. Nunca se queixava, mas dava pra sentir que estava infeliz, cada linha deixava à mostra um nervo ferido, tenso. Assinava sempre como “A Gaivota”.

MARINA – Ele sempre foi nosso professor mais legal, entendia todo mundo, sabia explicar as coisas. Quando eu reclamava que ele não me tratava mais do

mesmo jeito, ou ficava mal por alguma coisa, ele me explicava direitinho que eu tava errada e ele tava certo. Quando eu falava o que eu tava sentindo, ele me explicava que eu tava exagerando. E se ele dizia que eu tava inventando, que eu era louca, então é porque eu tava inventando, eu era louca. Como eu podia reclamar de quem me tratava tão bem? Que me dizia a verdade. Nunca ninguém ia me amar tanto quanto ele.

Isso aconteceu mesmo? Ele fez isso? Será que eu tô inventando como ele dizia que eu fazia? Não, eu lembro, aconteceu... aconteceu... foi assim...

TREPLEV – O pai e a madrasta recusam-se a reconhecê-la. Puseram guardas por toda a propriedade, para impedir que ela passe por perto.

De tempos em tempos, Marina olha para a cena, pois sabe que sua entrada está próxima. Ela tem uma urgência em dizer as coisas pras outras, pois sabe que tem pouco tempo.

MARINA – Quanto tempo leva pra gente conhecer de verdade uma pessoa? Pra sentir que não precisa mais esconder nenhum segredo dela, nem ela da gente? Esse dia chega? Então, como é que a gente faz? Vive desconfiada, como se tivesse no meio dos inimigos? Atenta o tempo todo, se protegendo o tempo todo, adivinhando o próximo passo, pra não ser feita de trouxa, sem nunca saber se tá segura, quando atacar, quando defender, quais são as linhas inimigas. Quem é que desenha as linhas imaginárias que separam as pessoas umas das outras? O nome disso é guerra. Não devia ser guerra, devia ser amor.

Se eu tivesse feito algo diferente, tratado ele diferente, falado de outro jeito. O que foi que eu fiz de errado? Como não percebi? Por que não contei pra ninguém? A culpa foi minha. A culpa foi minha?

MARINA – Eu às vezes pensava em terminar, mas eu já tinha me dedicado tanto... sair e começar tudo de novo? Tinha que dar certo e tinha que ser naquela hora, com ele, daquele jeito... todo o trabalho que deu, eu achava que merecia ganhar um prêmio por aquilo tudo. Eu não sabia ainda que as vezes perder é a melhor coisa que pode te acontecer.

Eu sou mulher, eu tenho que ser forte por mim e por eles. Inteligente por mim e por eles. Bem resolvida por mim e por eles. Responsável por mim e por eles. É assim que é.

MARINA – Nunca contei pra ninguém. Eu não tenho muitas amigas aqui.

Também nunca achei que ia ter tantos inimigos.

MARINA – As meninas da outra escola não conhecem ele, e do jeito que eu contei elas imaginaram tudo maravilhoso, como eu podia de repente mudar a imagem que elas tinham dele? De mim? Pra cada pessoa que você perguntar, vai ter uma versão diferente, as mil versões que eu inventei pra não ter que encarar a única versão verdadeira, porque a verdadeira doía demais. E mentir pra elas era viver uma coisa boa só mais um pouquinho. Quantas vezes você já fingiu que não estava sentindo nada, só pra tentar se convencer de que não tava sentindo mesmo? Quantas vezes você riu de uma coisa que te magoou só pra fingir que não tava nem aí? Você fechou os olhos e preferiu acreditar que nada tava acontecendo?

Será que um dia vou ter coragem de dizer isso pra mais alguém? O que as pessoas vão pensar? Elas vão fazer justiça ou injustiça? E eu, vou fazer o que?

Marina ouve o que vem do palco.

MARINA – É a minha última cena. Eu odeio fazer essa cena. É como se eu tivesse vivendo tudo de novo, todo ensaio, toda vez. Não dá pra separar uma coisa da outra, não dá pra esquecer que enquanto eu tô em cena ele tá assistindo, e me dando nota. Como sempre fez. Me esperando provar que sou boa o bastante pra ele. Boa o bastante pra ter sido a escolhida. Mas eu não quero mais ser escolhida, eu quero escolher. Quando acabar, eu quero ir embora desse teatro e não olhar pra cara dele nunca mais. Eu quero que essas cortinas fechem e de algum jeito alguma ferida feche, aqui, junto com elas.

Tudo que eu mais queria era nunca ter precisado contar essa história.

TREPLEV – Nina, Nina, é você?

Marina já deveria ter entrado em cena, mas está meio que paralisada. Nenhuma das meninas sabe o que fazer.

TREPLEV – Nina, Nina,! Ah, minha querida, ela veio.

Num impulso, Olga entra em cena no lugar de Marina. Começa a dizer o texto com confiança. É obvio que ensaiou aquele texto muitas vezes em casa.

TREPLEV – Nina? É você, Nina? Você mesma?

NINA (OLGA) – Toda noite eu sonho que você olha pra mim e não me reconhece.

TREPLEV – Não chora... não chora...!

Marina desaba na coxía. As outras se alternam entre ficar perto dela e filmar Olga em cena, estão completamente em choque com tudo.

TREPLEV – Não te amar está acima das minhas forças, Nina. Desde que eu te perdi, minha juventude desapareceu e eu tenho a impressão de já ter vivido uns oitenta anos. Fica aqui, Nina, eu te imploro que fique – ou então permita que eu vá com você!

MARINA – Desculpa. Desculpa.

Elas dão de ombros. Entregam a garrafinha pra ela. Ela bebe um gole.

MARINA – Que é isso?

LAURA – Vodka.

MARINA – Vocês trouxeram vodka pra peça?

GIOVANA, LAURA e EMMA – Peça russa.

Marina toma mais um ou dois goles.

NINA (OLGA) – Como era bom antigamente, Costia, você se lembra? Como a vida era clara, quente, alegre, pura, como os sentimentos lembravam flores ternas e graciosas... Você se lembra? Eu vivia alegre como uma criança, eu te amava e sonhava com a glória. E agora?

GIOVANA – Alguns dias sempre doem mais do que os outros, mas mesmo assim vai ficar tudo bem.

NINA (OLGA) – Costia, agora eu compreendo que o essencial na nossa profissão não é a glória, nem a fama, nem nada daquilo com que eu

sonhava, e sim saber aguentar com paciência... saber carregar a cruz e acreditar. Eu acredito, e já não sofro tanto; e quando penso em minha vocação, não tenho medo da vida.

Olga volta pra coxia. Todas estão espantadas.

OLGA – Eu tinha me preparado pro teste, mas não tive coragem. Todo ensaio eu ouvia esse texto e ficava pensando como faria, se fosse eu. Eu queria ser boa nisso. Se só essa única coisa desse certo, só essa, não ia ter problema todas as outras dando errado.

Vitor volta para a coxia.

Vitor – Que que foi isso?

Olga – *(ri)* Não sei. Não sei. *(ri cada vez mais)*

Vitor – Mano, que porra que virou essa peça? Olha o que vocês tão fazendo! Vocês não podem levar o negócio a sério, né? Vocês tão cagando com a peça inteira, a peça inteira, seu bando de trouxa.

Pausa.

EMMA – *(mesmo tom dos outros finais de filme)* “Após anos de terapia, Vitor entendeu que não precisava agir como machão idiota só porque na escola chamavam ele de viadinho. Hoje, ele tem amigos.”

As outras meninas também riem.

VITOR – Vão se fuder vocês.

Vitor sai. Elas começam a rir cada vez mais. Os próximos diálogos são entremeados por risadas. São confissões bêbadas e inconsistentes, engraçadas, e não devem JAMAIS ser encenados como falas depressivas. Há um êxtase, uma adrenalina de fim de peça, já no ar. Já estão todas largadas nas cadeiras, deitadas no chão, umas por cima das outras.

LAURA – Vocês viram a cara dele?

GIOVANA – Ridículo.

EMMA – Não aguento mais esse bando de moleque mala achando que manda em mim.

LAURA – *(para Olga)* Sua cena foi maravilhosa

EMMA – Como se a gente fosse intrusa, num mundo que não é o nosso.

OLGA – Sozinha no meu quarto, eu sou boa atriz, juro. Já fiz meu discurso do Oscar. Mas aqui, na hora, não.

EMMA – *(brinda com a vodka)* Para todos os garotos que me interromperam pra falar exatamente o que eu tava falando, só que com outras palavras.

OLGA – É horrível quando a pessoa que a gente imagina ser é mais legal do que quem a gente é de verdade.

LAURA – Você foi muito foda...

OLGA – A gente tem que agir! Não dá pra passar a vida inteira só reagindo.

LAURA – Mesmo se der errado! Deixa dar merda, deixa acontecer, não dá pra ficar depois se arrependendo do que você não fez.

GIOVANA – Vamos quebrar a cara logo, descobrir que não era nada disso que a gente imaginou e pronto. Aí acaba essa angústia toda e a gente consegue pensar em alguma outra coisa.

OLGA – A gente imagina coisas demais. Nunca tá com os pés no chão, tá sempre voando, inventando alguma coisa que não existe. Sonhando com o que

já foi, com o que vai ser. Nem sei se o mundo em que a gente vive é real. Parece que a gente tá fora do mundo, fora do nosso tempo.

GIOVANA – Às vezes a gente não consegue se concentrar por causa do barulho fora, e às vezes é por causa do barulho dentro.

LAURA – Quando eu era criança eu sonhava em voar, ou com unicórnios, gigantes, coisas que só existiam na minha cabeça. Aí agora eu comecei a sonhar com coisas que existem. Só que existem só pros outros, não pra mim.

GIOVANA – Eu posso não saber o que eu quero, mas eu sei muito bem o que eu não quero.

LAURA – Ninguém fica mal por não ter um negócio que nem existe, mas se você sabe que aquilo existe e todo mundo tem aquilo menos você, aí você fica mal. Você fica bem mal.

EMMA – Antes eu achava que o futuro ia ser maravilhoso. Eu tinha direito de sonhar com um futuro, tinham conquistado esse direito pra mim.

OLGA – Sabia que as estrelas que a gente vê hoje nem existem mais?

EMMA – Eu tinha direito de ser quem eu quisesse, sem ter que me justificar.

OLGA – O que a gente vê hoje e chama de estrelas é a luz que essas estrelas emitiram milhões de anos atrás, essa luz viajou esse tempo inteiro e só agora chegou nos nossos olhos.

EMMA – Eu achava que algumas coisas iam ficar no passado pra sempre, tinham deixado de acontecer faz cinquenta anos

OLGA – A gente tá vendo estrelas que já morreram, estrelas de outro tempo que ficaram em suspenso esse tempo todo, até serem vistas hoje. A gente vive num tempo que não é o nosso. Vendo estrelas que não existem mais, ouvindo os gritos que alguém deu cinquenta, cem anos atrás.

EMMA – Aí alguém esqueceu aberta a porta pro passado, prum mundo maluco onde as coisas não fazem sentido, um País das Maravilhas, só que ao contrário.

LAURA – Como é que a vida pode ter a ousadia de não acontecer exatamente do jeito que eu imaginei?

OLGA – E tudo o que a gente grita, tudo que a gente pede só vai acontecer de verdade daqui a cem, duzentos anos, só aí alguém vai ouvir o que a gente disse, só aí as coisas que a gente sonhou vão acontecer.

EMMA – Agora tenho saudades do futuro que eu queria ter tido.

OLGA – Até lá os nossos sonhos ficam em suspenso também, esperando. Até lá a gente ouve o eco dos gritos das nossas mães, avós, bisavós, elas seguem gritando pela nossa voz, e se a gente não gritar hoje ninguém vai ter o que ouvir daqui a duzentos, trezentos anos.

EMMA – Que futuro a gente tem, se o tempo tá passando em círculos?

LAURA – Eu nem consigo imaginar como ia ser se desse certo. Se a gente desse certo, o que é que a gente faria?

OLGA – Se um dia as estrelas tivessem resolvido parar de emitir luz, hoje a gente não veria nada. Então a gente continua. Porque tá tudo ligado.

EMMA – Eu demorei pra descobrir quem eu sou, e eu vou continuar sendo quem eu sou, mesmo com milhões de pessoas votando contra.

OLGA – Existir no mundo é muito perigoso, porque a gente não existe sozinho.

LAURA – Sei lá, tem tanta gente no mundo, e ao mesmo tempo, parece que não tem ninguém.

MARINA – Se eu vejo todo mundo como inimigo, eu vou viver sempre com medo.

OLGA – Porque mesmo quando a gente acaba, algo da gente continua aqui, em suspenso, existindo. Por muito tempo.

João sai de cena correndo e vai direto pro banheiro, pra vomitar. Todos se entreolham e gargalham, percebendo o ridículo da situação.

GIOVANA – Sabia que quando a gente nasce, a gente já tem dentro da gente todos os óvulos que a gente vai produzir ao longo da nossa vida inteira? Que quando a sua avó tava grávida da sua mãe, você na real já tava lá dentro, de

bouas, só esperando sua mãe nascer, crescer, trepar com o teu pai, e engravidar de você.

EMMA – Eu quero casar, de branco, com flores, numa festa linda e cheia de convidados. Eu quero ouvir alguém dizendo “pode beijar a noiva”. Aí eu vou lá e beijo.

GIOVANA – E se um dia você tiver filha, ela já tava lá dentro da sua mãe quando você era só uma montanhinha de células mal organizadas.

MARINA – Porque a verdade é que vai doer sempre. Então a única escolha que a gente tem é se a gente vai deixar a dor paralisar a gente ou não.

Vitor chama João pra cena.

VITOR – Anda, você precisa entrar, é a última.

João tá caído num canto. Sabemos que ele não vai mais sair de lá. Olga vai até lá socorre-lo. Vitor enfim desencana. Faz um gesto em direção ao palco, como que dizendo “sigam, sigam aí, ele não vai entrar mais”. E gargalha. Enfim se deixou levar. João chora largado no chão.

JOÃO – Desculpa, desculpa, eu não queria estragar a peça de vocês. Eu não ensaiei. Eu não sei fazer esse personagem.

MARINA – Faz parte de estar viva, doer. A não ser que a gente não saísse pro mundo, igual uma boneca pra sempre guardada na caixa.

JOÃO – Cadê o Tiago? O Tiago, você falou com o Tiago? Pede pra alguém fazer a última cena, a última cena, alguém tem que entrar. Meu, tô muito fudido. Desculpa, desculpa, Olga, você me desculpa?

João abraça Olga.

MARINA – A dor é o preço que a gente paga por arriscar ser a gente mesma.

GIOVANA – Ele visualizou!

VITOR – O Tiago?

GIOVANA – Ele visualizou! Visualizou. Acabou de visualizar!

VITOR – Sério?

MARINA – A dor é minha, e ninguém mais sabe dela. A dor é minha, então eu posso fazer o que quiser com ela.

GIOVANA – Dois tracinhos azuis!!!

VITOR – Agora? Agora não adianta mais.

GIOVANA – Dois tracinhos azuis!!!

MARINA – Às vezes leva tempo pra gente encontrar alguma coisa no dentro do dentro do dentro da gente. Uma coisa pequena, minúscula, até que a gente ache.

Vitor dá um berro silencioso, celebrando o fim da apresentação. Uma alegria contagiante vai tomando conta de todos na coxia. Como se por alguns instantes todos os incômodos e problemas pudessem ser esquecidos. Aos poucos todos se aproximam da entrada de cena, observando a cena final. Dão as mãos, celebram. Ainda alguns goles de vodka. Emma abraça Giovana e dá um beijo demorada na bochecha dela. Ficam abraçadas por um tempo.

Blackout.

Aplausos.

Comemorações. Todos entram em cena pros agradecimentos. Marina fica sentada em uma das bancadas, segurando o que sobrou da Gaivota. Ele assiste enquanto todos entram pra agradecer, uma música alta está tocando. Aos

poucos, todos começam a voltar, celebrando, se abraçam. Então ela se decide. Levanta e entra em cena novamente, com passos firmes. Ninguém repara.

MARINA – Antes que vocês vão embora, tem uma coisa que eu preciso dizer.

Todos param de comemorar e se voltam pro palco, espantados. Comentam entre si, não sabem como reagir, alguém pega um celular e começa a gravar.

MARINA – Um tempo atrás você me disse que eu ainda era muito nova, que eu não sabia nada da vida, e que eu um dia eu ia entender que amores também acabam. Agora, tá na hora de você saber que os silêncios também. As vezes demora, mais do que deveria. Mas silêncios

também

tem

fim.